

MEMÓRIAS DE LAURO FLORES: ENSINO E HISTÓRIAS DA TRADIÇÃO

Daiana Flores Leão Santos Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB
Mestranda do programa de pós-graduação em Ensino/UESB
daianaflores.12@hotmail.com

Renato Pereira de Figueiredo

Professor titular do Departamento de Ciências Naturais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.
renatofigueiredo2005@yahoo.com.br

Resumo

Neste trabalho, compartilhamos fragmentos das histórias da vida de Lauro Flores, um homem que foi considerado como farmacêutico e médico da região em que viveu, no início do século XX. Para o desenvolvimento, inicialmente, ouvimos relatos de familiares e amigos que conviveram com Lauro Flores; a partir desses, construímos um texto narrativo como estratégia para pensarmos sobre a relação ensino-aprendizagem. Realizamos discussões fundamentadas nas leituras de Conceição de Almeida, estudiosa dos saberes da tradição há mais de vinte e cinco anos, responsável por construir a noção de um intelectual da tradição. Dessa forma, reconhecemos que os resultados podem ser utilizados pelos docentes como forma de diminuir a distância entre os conhecimentos considerados antigos, não válidos, e aquilo que hoje é considerado científico.

Palavras-chave: Saberes da tradição, saberes científicos, ensino.

MEMORIES OF LAURO FLORES: TRAINING TEACHING AND STORIES

Daiana Flores Leão Santos Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB
Mestranda do programa de pós-graduação em Ensino/UESB
daianaflores.12@hotmail.com

Renato Pereira de Figueiredo

Professor titular do Departamento de Ciências Naturais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.
renatofigueiredo2005@yahoo.com.br

Abstract

In this paper, we share fragments of the stories of Lauro Flores' life, a man who was considered as a pharmacist and doctor in the region he lived at the beginning of the twentieth century. For the development, initially, we heard reports of family and friends who lived with Lauro Flores; from these, we built a narrative text as a strategy to think about the teaching - learning relationship. We held discussions based on the readings of Conceição de Almeida, a student of the traditional knowledge for over twenty-five years, responsible for building the notion of an intellectual of the tradition. Thus, we recognize that the results can be used by the teachers as a way to narrow the gap among the knowledge considered old, not valid, and what is considered scientific today.

Keywords: Knowledge of the tradition, scientific knowledge, teaching.

Introdução

Neste trabalho, compartilhamos histórias que podem servir como estratégia para religar vários conhecimentos que envolvem a vida humana, no sentido multidimensional, como forma de alargar a concepção de educação para aprendizagem das condições humanas. Como afirma Conceição de Almeida (2010), os saberes da tradição que são, ao longo da história, repassados de pai para filho constituem modelos cognitivos do pensamento, o substrato da nossa civilização, que se pautam por distintas estratégias de pensamento dos saberes científicos. Conforme a autora, existe uma necessidade de aproximar domínios de saberes identificados como opostos e contraditórios por força de um processo civilizacional pautado pela monocultura da mente por representar um cenário de simetria, singularidade e a complementariedade possível entre os diversos saberes.

Estimula uma poetisa, psicanalista e contadora de histórias, Clarissa Estés (1998), que precisamos conhecer e criar histórias juntamente a outras pessoas que podem ser usadas de muitos modos diferentes, para ensinar, para corrigir erros, para iluminar, auxiliar a transformação, curar ferimentos, recriar a memória. Embora, como afirma a autora, nenhum de nós irá viver para sempre, as histórias o conseguem. Mesmo que não exista um jeito certo ou errado de contar uma história, seu principal objetivo consiste em instruir e embelezar a vida da alma e do mundo.

Talvez tenha sido esse o propósito que Antônio Biá, personagem do filme *Narradores de Javé* (2003), ao procurar escrever as histórias da pequena cidade de Javé, estimulado pelos moradores da região para registrar as histórias que lhe eram contadas de diferentes modos. Estimulada por essa narrativa apresentada no filme, percorri várias vezes a Fazenda Deus Dará, município de Belo Campo-Bahia, região em que viveu Lauro Flores, meu bisavô, para ouvir as histórias de familiares e amigos que conviveram com ele, conhecidos os quais considero guardiões das histórias, no sentido de guardarem as recordações de experiências enriquecedoras, que lhes são tão caras, vivenciadas no início do século XX.

Esses contadores de histórias me inspiraram a registrá-las a partir da construção de um texto em articulação entre razão e imaginação, inspirada no que afirma Edgar Morin (2000), autor da Teoria do Pensamento Complexo, sobre a complementaridade entre a capacidade da razão e da emoção. Conforme o autor, a capacidade de emoções é indispensável ao estabelecimento de

comportamentos racionais, e a afetividade pode asfixiar o conhecimento, como também a faculdade de raciocinar pode ser diminuída ou mesmo destruída pelo déficit de emoção.

Este trabalho é fruto de um estudo em andamento referente à pesquisa de dissertação de mestrado. Embora já tivesse escutado algumas das histórias de Lauro Flores antes de iniciar o trabalho de dissertação, foi a partir do meu ingresso no mestrado, depois do contato com as leituras de Conceição de Almeida (2010) e do pensador do método complexo, Edgar Morin (2000), referente ao princípio dialógico por um pensamento capaz de conceber noções, ao mesmo tempo, complementares e antagonistas, que, juntamente ao meu orientador, passamos a atribuir novos sentidos a essas histórias.

No desafio proposto pelos autores, para religar saberes dispersos, superar as dicotomias entre saberes científicos e saberes da tradição e, desse modo, caminhar para algo mais transversal, polivalente, retroalimentado pela dialogia da natureza, apresentamos uma narrativa que utiliza das histórias de Lauro Flores no diagnóstico, tratamento e cura de enfermidade das pessoas naquela comunidade como estratégia para pensarmos os saberes da tradição e, com isso, uma nova possibilidade para a relação ensino-aprendizagem.

Metodologia

Para a realização deste trabalho, no primeiro momento, realizei entrevistas com pessoas da comunidade e familiares que conviveram com Lauro Flores, a fim de construir fragmentos da sua biografia e das suas atividades enquanto um sujeito que era reconhecido como farmacêutico e médico pelas pessoas da região em que viveu. A partir desses registros, gravados e transcritos durante vários encontros, organizei as conversas em forma de diálogos que se complementam, embora não estejam transcritas de forma cronológica. Então, por meio de uma narrativa que pode ser usada de diferentes formas para pensarmos nos vínculos da sociedade tradicional, tem-se o intuito de apresentar um perfil de Lauro Flores enquanto um intelectual da tradição, aquele que faz da tarefa de transformar informações em conhecimento como uma prática cotidiana, permanente, segundo a descrição da autora Conceição de Almeida (2010).

Narradores de Lauro Flores

Há muito tempo, numa tarde de verão, uma senhora contadora de histórias, Maria Lícia, estava em sua casa com a neta Diana, compartilhando das lembranças da família. Depois de algumas horas, as suas irmãs, Raquel e Helena, juntamente ao seu genro Irênio, chegaram para lhe fazer uma visita. Animada com a chegada dos seus familiares, disse:

- Sejam bem-vindos! Estava bem compartilhando com Diana sobre o nosso tempo de criança lá na região Deus Dará, num universo de brincadeiras e de um contato mais próximo da natureza. Cercada pelo canto dos pássaros, o som do vento balançando as árvores, colhia frutas no pomar, com os pés descalços em contato direto com a terra, tomava banho nos riachos, uma calmaria que me inundava de paz e me enchia os olhos pela beleza da natureza.

- Este momento está sendo muito bom. Estou aprendendo um pouco sobre a minha ancestralidade, semelhante ao que afirma Daniel Munduruku (2005), autor indígena que apresenta as histórias do seu povo. Ele compartilha sobre o quanto é importante conhecermos o nosso passado, as nossas histórias, estimula que precisamos buscar a riqueza dos nossos avós, bisavós; porque, quando a gente se percebe no continuar de uma história, nossa responsabilidade cresce e o respeito pela história do outro também – complementou Diana.

Contentes por chegarem no momento de uma conversa agradável, afirmou Raquel:

- Diana, também realizei algumas leituras dos textos de Daniel Munduruku (2005), um autor que utiliza de narrativas para inspirar outras pessoas a narrarem as suas histórias, a fim de que o aprendizado aconteça por meio das palavras compartilhadas de esperanças e sonhos.

- Realmente, esse autor compartilha o quanto as crianças da tribo Munduruku aprendem com os mais velhos pelo respeito às tradições e pelo respeito ao saber do outro; os mais novos aprendem na aldeia com os mais velhos, compreendem que os velhos são sábios e sempre ensinam o novo. Confesso que, depois dessas leituras, estou mais atenta e curiosa para conhecer sobre as histórias da nossa família – afirmou Diana.

Entusiasmada para falar sobre seu tempo de juventude, continuou Raquel:

- Naquela época, era bem diferente dos dias de hoje, até para esse negócio de namoro (risos). Lembro que minha mãe, Joaquina, era bem brava, e pai, Lauro Flores, era bem calmo. Era ele que escrevia os bilhetes para os meus namorados.

- Ele tinha uma letra tão linda! Quando mãe queria nos bater, pai nos escondia lá na farmácia que ele tinha. E dizia: Se esconde aqui no balcão porque tempestade está vindo. Ele chamava mãe de tempestade (risos) – suspirou Helena.

- Farmácia? Existia farmácia naquela época lá na zona rural? Hoje em dia, não tem farmácia por lá, e naquela época existia? – perguntou Diana.

- Pai era muito inteligente. Ele tinha uma farmácia lá na roça, onde hoje fica aquele primeiro quarto na entrada da casa – complementou Helena.

- Sim, mais ou menos, como funcionam as farmácias de hoje. Lá na farmácia, pai tinha os instrumentos, uma balança de pesar medicação, um pilão para fazer os comprimidos. Ficava lá naquela farmácia o dia todo. Utilizava algumas plantas, como babosa, erva-cidreira, capim-santo, sabugueiro, quebra-pedra, todas estas. Era assim, a pessoa chegava e pedia o remédio; quando seu Lauro não tinha, falava que ia fazer um bom e preparava na farmácia. Ele mesmo sabia fazer os remédios. Seu bisavô fazia os remédios e manipulava, remédio até de babosa. Fazia pílula de babosa. Fazia chá de tudo quanto era raiz de planta. Indicava muito chá para as pessoas. Ele não ensinava remédio errado não – continuou Raquel.

- Enquanto vocês falavam, fiquei pensativa sobre como Lauro Flores preparava os medicamentos, nas etapas para a elaboração, como a extração de substâncias específicas, realização de misturas, aspectos relacionados às substâncias, como pH e capacidade de oxidação, cálculos para formulações e obtenção do produto desejado, procedimentos que, comumente, são ensinados nos cursos de graduação – proclamou Diana.

- Pai comprava alguns medicamentos já manipulados e muitas coisas para manipular. Alguns remédios ele manipulava com plantas, outros, com algumas coisas que comprava aqui em Conquista, e alguns, já comprava prontos – respondeu Maria Lícia.

Na tentativa de compreender quais eram os conhecimentos apresentados por seu bisavô que lhe proporcionavam atuar como farmacêutico, Diana continuou:

- Qual era a formação escolar que ele apresentava?

Helena, filha caçula, apressou-se a dizer:

- Meu pai foi um autodidata, aprendeu muitas coisas por conta própria. Seu pai, João Jerônimo, era professor e ensinou os filhos a ler e escrever. Escola mesmo não tinha na roça, Lauro nem chegou a frequentar. Em casa, seu pai lhe ensinava junto com os meus irmãos. Eram muitos filhos, vinte e cinco filhos. Ele era o terceiro filho mais velho do seu pai. Como sua mãe, Maria Madalena, faleceu nova, quando ele tinha 10 anos de idade, seu pai se casou novamente; ela foi a sua primeira esposa e, quando faleceu, deixou dez filhos. João Jerônimo se casou pela segunda vez, teve mais dez filhos; a sua segunda esposa também faleceu nova, e ele se casou pela terceira vez e teve mais cinco filhos. Acho que foi assim que surgiu o interesse em pai pela leitura; ele que cresceu em busca de novas leituras.

- Como era possível um homem atuar como Lauro Flores e ser reconhecido como farmacêutico da região, sem ter acesso à educação superior formal? Não sei vocês, mas tenho a impressão de que conheço apenas uma única forma de pensar o conhecimento, inserida sempre em um único método, em uma linguagem que parecia universal, no conhecimento aprendido pela escolarização. Percebo que meu bisavô apresentava saberes relevantes mesmo que não fossem provenientes de uma educação formal – indagou Diana, muito pensativa.

Helena, apreciadora dos saberes da tradição, perguntou:

- Di, você já ouviu falar da autora Conceição de Almeida? Conceição de Almeida (2010) apresenta a ciência como um tipo particular de saber, pautada por métodos, regras, critérios e formas de organização de informações que lhe são próprias e evoluem no interior da comunidade científica e no decorrer de sua história. A autora narra os fragmentos de leituras da natureza dos irmãos Francisco Lucas da Silva e José Lucas da Silva, que têm por base as suas experiências acumuladas como agricultores-pescadores, por sabedorias edificadas longe dos bancos escolares e da educação formal. Afirma que foi possível, por diversas vezes, escutar das leituras que Francisco Lucas realizava da natureza, como, por exemplo, a explanação de como ele opera o método de cubação por meio de uma exposição matizada que se desdobra em exemplos diferentes, modos complementares de dizer, expor, explicar, mostrar.

- Realizei algumas leituras sobre suas obras, mas rapidamente, acabei não prestando muita atenção. Mas, a partir do que vocês estão colocando, estou conseguindo compreender que o

conhecimento científico o qual sempre estudei e busquei apropriar é apenas parte de todo o conhecimento existente – respondeu Diana.

- É exatamente isso que afirma a autora Conceição de Almeida (2010), que o conhecimento científico é apenas a parte visível de um imenso iceberg. A vida dos irmãos Francisco Lucas e José Lucas reflete em possibilidades de saberes adquiridos longe dos bancos escolares que podem ser utilizados em práticas do cotidiano. Perceba, se formos fazer uma relação entre os saberes dos irmãos Francisco Lucas e José Lucas e os saberes de Lauro Flores, compreenderemos que os saberes dos irmãos lhes possibilitavam fazer leituras da natureza para trabalharem na agricultura e na pescaria e os saberes que pai apresentava eram conhecimentos locais da flora, que lhe serviam como recurso para a preparação de medicamentos – continuou Helena.

Uma moça interrompeu a conversa e perguntou se eles aceitavam uma xícara de café. Todos aceitaram, quando Maria Lícia comentou:

- Pai sempre gostou muito de ler. Lembro que, na minha infância, tinha muitos livros lá na minha casa, ele tinha aquela revista *Seleções*, gostava da revista *Cruzeiro*, levava muitos jornais para casa, livros de romance, palavras cruzadas e fazia questão de que a gente lesse também. O meu primeiro contato com livros foi por meio dele, quem me ensinou as primeiras letras lá na fazenda. Ele tinha uma letra maravilhosa, que eu tentei imitar; a minha parece com a dele um pouquinho.

Irênio, que sempre foi um bom contador de casos, explanou:

- A letra de seu Lauro era um trem mais bonito do mundo, e o português, mais certo do que aquele não tinha.

- Puxa, vejo que meu bisavô não se contentou e buscou se apropriar de outros conhecimentos para além dos que estavam disponíveis na fazenda Deus Dará – afirmou Diana.

- Isso mesmo, ele tinha um livro chamado *Chernoviz*, com a capa verde escura, quase preta, que utilizava para preparar uns medicamentos. Alguns médicos também utilizavam esse livro. O autor, Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, nome adaptado de Piotr Ludwik Napoleon Czerniewicz, nasceu em Lukov, Polônia, em 1812. Foi estudante de medicina, obrigado a deixar seu país por ter tomado parte em um levante contra a dominação russa, em 1830. Refugiou-se na França,

onde concluiu sua formação na Faculdade de Medicina de Montpellier, em 1837. Aportou no Rio de Janeiro em 1840, casou-se com Julie Bernard, brasileira de ascendência francesa, e mudou-se a para Paris em 1855. Morreu em Passy, França, em 1881 (MEDEIROS, 2018) – explicou Maria Lícia.

Todos os que estavam na sala se recordaram do livro.

- Por percebermos a relevância do livro do autor nos trabalhos de pai, nos apropriamos das duas obras publicadas por Luiz Napoleão Chernoviz, tanto o *Formulário* ou *guia médico* quanto o livro *Dicionário de medicina popular*, lançado um ano depois do *Formulário*, a fim de conhecermos um pouco melhor esses materiais. Ao folharmos o livro *Formulário* ou *guia médico*, percebemos que o autor recomendava a leitura para um público amplo, por afirmar ser útil a pessoas que trabalham nos laboratórios (químicos), aos clínicos, aos estudantes de medicina e aos farmacêuticos, sendo considerada uma obra de confiança, de conhecimentos variados. Diferente dos materiais de estudos a que temos acesso atualmente, divididos por áreas específicas do conhecimento, o autor abordou os assuntos de modo a contemplar todas estas áreas. No livro *Dicionário de medicina popular*, atentamo-nos à sua particularidade, por percebermos que o autor escreveu essa obra para pessoas que não apresentavam nenhuma formação acadêmica, como ele próprio afirma, ‘à inteligência das pessoas estranhas à arte de curar’, ou seja, para quem estava distante dos bancos escolares. O autor fez dialogar os conhecimentos científicos, os quais circulavam apenas entre os que pertenciam ao meio acadêmico, entre aqueles que estavam distantes deste ambiente de estudo em várias regiões do Brasil e que apresentavam diversos saberes adotados pela população da época. Dessa forma, percebemos que, no início do século XX, Napoleão Chernoviz ousou ultrapassar as fronteiras do campo acadêmico para dialogar com outros mundos. Esse livro foi utilizado por pessoas de diferentes categorias sociais e profissionais: os donos de boticas, os patriarcas e líderes políticos e religiosos, que, frequentemente, cuidavam de pessoas doentes e necessitadas, e as matriarcas da elite latifundiária do Império, que cuidavam das pessoas da casa, dos seus agregados e da escravidão. Também serviu como subsídio científico aos autodidatas e às pessoas sem formação acadêmica que exerceram ofícios de cura, chamados pelos médicos acadêmicos de ‘charlatães’ ou ‘curiosos’ (GUIMARÃES, 2005) – explicou Helena.

Interrompeu Maria Lícia quando escutou o termo ‘charlatão’ e disse:

- Pai era conhecido na época como charlatão; este nome era dado na época a essas pessoas que tinham a liberdade para atuarem como médicos, nome dado a pessoas que serviam as outras na época, mas que não tinham a formação médica.

Helena, que havia sido interrompida, continuou:

- O livro publicado por Napoleão Chernoviz permitiu que grupos diferentes compartilhassem da linguagem da medicina científica pelos seus diferentes saberes, como um livro considerado acessível ao público em geral, não apenas pela forma de dicionário ou pela linguagem, mas, principalmente, pela utilidade dos assuntos escolhidos. Nele, o autor empreendeu um diálogo direto com um leitor que não apresentava formação, realizava a instrução de práticas médicas para além da comunidade dos médicos. Por isso, defrontou-se com indisposições por parte do campo médico, que reivindicou ser uma obra exclusiva para médicos, por não compreenderem e não aceitarem esse tipo de publicação que permitia que outros exercessem práticas da profissão. Então, até sob pena de ver ameaçada sua autoria científica, foi necessário o autor apresentar argumentos para se respaldar dos cientistas, argumentos estes que foram válidos na época (MEDEIROS, 2018).

- Estou percebendo que meu bisavô não utilizou dos livros do médico Napoleão Chernoviz como uma estocagem de informações. Pelo contrário, tiveram uma outra relevância, imputaram significados para as informações presentes no livro. Fazendo uma analogia entre o pensamento e o oleiro, Conceição de Almeida (2010) realiza que o oleiro, com suas mãos, dá forma ao barro, que se torna pote, panela, vasos, telha. Como afirma a autora sobre a analogia do pensamento, acredito que Lauro Flores conseguiu manipular as informações para construir conhecimento, como um trabalho artesanal do pensamento, como se este tivesse mãos para dar forma ao que ele visualizava, ouvia, sentia, tocava, apreciava. Percebo que, embora distante de uma formação acadêmica, Lauro Flores transitava entre vários saberes, além dos conhecimentos presentes em revistas, jornais, livros de romance, os quais faziam parte das leituras do cotidiano. Utilizava dos conhecimentos da flora local e dos saberes científicos atuais da época, em um diálogo entre o local e o universal – afirmou Diana.

- Semelhante ao que Edgar Morin, autor da teoria do pensamento complexo, afirma quando diz ser ele um ‘contrabandista de saberes’ por transitar livremente entre as arbitrárias divisões entre as ciências da matéria, da vida e do homem. Como afirma Conceição de Almeida (2017) a seu respeito, um ‘artesão sem patente registrada’, que tem dificuldade de se definir por uma área

específica do conhecimento, licenciado em História, Geografia e Direito. Esses diálogos entre os diversos saberes pertencentes a Lauro Flores lhe permitiram não somente ser reconhecido pela comunidade como farmacêutico, como também atuar curando pela região. Os moradores lá de Deus Dará sempre compartilharam histórias sobre pai. Lembro bem da história de uma amiga da família, Maria Elizete, que mora na região próxima à fazenda e conviveu com ele. Quando ela teve sarampo, que ficou na chaga, abaixo de Deus, primeiramente, foi ele que me sarou, que me deu o remédio. Me lembro de que ele aplicava injeções e também preparava alguns chás e me dava. Naquelas regiões próximas, ele cuidava de mulher que paria, de criança, de velho, de todo mundo. E todo mundo acreditava nele, e dava certo, não sei por quê, mas dava certo. Como não tinha médico naquela região, naquela época, tinha uma certa permissão, uma certa liberdade para ele agir assim. Nunca matou ninguém, curou, ele curou todo mundo. Nós também, os filhos dele, era praticamente ele que curava, com chás. Ele ia a cavalo para atender as pessoas por todas as regiões próximas. Ele ia nas catingas da vereda, Tremedal, Quaraçu – esclareceu Helena.

- Como os antigos tropeiros que percorriam pelas estradas como condutores de produções comerciais. Lauro Flores não se conteve em ficar apenas na farmácia para atender as pessoas que tivessem possibilidade de irem a seu encontro, mas, pelo contrário, percorreu a região para levar o seu conhecimento de forma que pudesse contribuir para o bem-estar das pessoas – explicou Diana.

- Montava no seu cavalo, que se chamava Colosso, com cor de café e gordo. Só vivia montado neste cavalo. Quando ele chegava à noite e já estávamos deitados, escutávamos as pegadas do seu cavalo, que ele levava até o fundo da casa para tirar a cela. Ele viajava muito, o cavalo era o meio de transporte para ele atender aquele pessoal, ia montado na cela. O cavalo conhecia até as estradas, tinha uma história assim que, quando pai estava indo pelas estradas para atender alguém, às vezes, por causa da distância, ele acabava cochilando em cima do cavalo, e, quando o cavalo chegava em uma porteira no caminho, voltava para casa. E, quando pai abria os olhos, o cavalo estava na porta de sua casa e não completava a viagem – continuou Raquel.

Enquanto lembravam dos antigos tropeiros, Maria Lícia complementou confirmando a analogia:

- Qualquer pessoa ele ia na casa. Viajava num sei quantas léguas para poder ir dar remédio para o povo. Uma pessoa falava com outra e indicava para ir em seu Lauro quando um conhecido

estava com alguém enfermo na família. Falava que ele era bom. Quando alguém chegava na farmácia falando que seu conhecido estava doente e explicando os sintomas, ele próprio se oferecia para ir à casa da pessoa. Colocava uma pasta do lado e carregava tudo, seringa, remédio, algodão. Esse pessoal mais velho que tinha aqui era ele que tratava, na casa de meu avô Joaquim, meu padrinho, pessoal de Fileiro, Cazuzá, Marcilino Pinheiro, Vitória no Piripiri. Eles diziam: Vamos na casa de seu Lauro, quando não dava para ir, mandava recado para ele, que montava no cavalinho e ia até a pessoa. Era um farmacêutico forte aqui na região. Ele aplicava injeção na gente, eu mesmo tomei uma injeção, me lembro que, quando ele aplicava, já sentíamos um gosto na boca.

- Como um tropeiro, Lauro Flores realizava um trabalho diferenciado dos atendimentos de saúde que temos atualmente, em conversas com outros moradores da região – afirmou Irênio.

- Ele percorria as regiões com o intuito de servir as pessoas, como um médico desprendido dos interesses financeiros, contra a mercantilização do saber – disse Maria Lícia.

- Ah, seu Lauro era uma pessoa diferente de muita gente, ele era um homem que não ligava para dinheiro, dinheiro para ele era normal, ele não tinha ganância por dinheiro. Dava remédio para todo o povo da redondeza. Dava mais do que vendia. Toda segunda feira, ele ia pra Belo Campo e lá ele atendia, e o povo ficava tudo atrás dele pedindo remédio. Mesmo depois que ele abriu a farmácia na roça, ele atendia em Belo Campo no dia de feira. Agora ele não sabia ganhar dinheiro, ele sabia mesmo era doar, quem sustentava mesmo a família era dona Joaquina, que gerenciava a economia da fazenda – relatou Irênio.

- Distante da utilização do conhecimento para obtenção de lucros, diferente, inclusive, da nossa formação educacional, que, nos dias de hoje, infelizmente, em muitos lugares, constitui um mercado lucrativo. Como complementa Conceição de Almeida (2010) a esse respeito, a oferta de muitas informações e conhecimento a alunos que não são instigados a pensar sobre eles torna o sistema educacional um mercado de informações, para formar alunos-bancos-de-dados, e temos os cursos universitários divulgados por *outdoors* espalhados pelas ruas das cidades como senhas para ascensão social. Afastado desse interesse lucrativo, foi prestativo para as pessoas da região, utilizava dos saberes que apresentava e os tornava úteis no local em que vivia, alcançava e interferia positivamente no modo de viver das pessoas.

Quando as pessoas tinham condições de comprar, seu Lauro vendia, quando não tinham condições, ele dava. A farmácia ficava aberta, junto à farmácia, tinha uma rancharia bem grande, comprida, próxima para os viajantes, tropeiros, que passavam a noite por lá e, no outro dia, seguiam viagem. Ali acumulava-se muita gente. As pessoas que passavam com fome ele dava comida, uma pessoa muito boa que gostava de fazer caridade. Naquela época, não tinha médico, por isso que o pessoal o procurava. Era o único médico da região. Era um amor de pessoa – afirmou Helena.

Como reconhecimento mútuo entre todos que compartilhavam dessas histórias, revelou Irênio:

- Ele era empresário, mas empresário civilizado, trabalhava como empregado, atendia a população. Era uma pessoa magrinha, mas cheia do espírito. Era gente fina, muito inteligente e humilde. Todo mundo gostava dele. Era uma pessoa boazinha. Ele ia na Lagoa, onde morávamos, montado no cavalo, levar remédio para mãe. Seu Lauro não tinha desprezo. Fraco (em relação ao financeiro), na época, não tinha como ir em médico, não podia ir. Na medicina aqui era ele, não tinha outro. Bom para os outros, não precisava melhor do que ali.

Helena, emocionada para falar mais sobre seu pai, complementou:

- Quando ele morreu, foi tanta gente chorando por causa dele, era como se dissessem ‘Morreu o médico dos pobres’. Tenho muita saudade do meu pai, ele nasceu em 1898 e morreu com 65 anos de idade, deixando muitas saudades e legados bons. Em sua homenagem, uma escola municipal no povoado de Pau de Espinho-Ba e uma rua na cidade de Belo Campo-Ba carregam o seu nome; em Vitória da Conquista-Ba, a memória de Lauro Flores está presente em diversos espaços públicos representados pelo nome dos seus familiares: Avenida Olívia Flores, Rua Elpídio Flores e Estádio Edvaldo Flores.

- São muitas as histórias para compartilharmos, mas, como já está ficando tarde, vou precisar retornar para casa – falou Irênio.

- Também já está na minha hora, mas quero aprender a partir dessas histórias por mais vezes – comentou Diana.

- Vocês estão sempre convidados para retornarem. Um grande abraço! – falou Maria Lícia ao se despedir de todos.

Considerações Finais

A partir dos fragmentos das histórias de vida de Lauro Flores, percebemos uma vida marcada pelo diálogo, entre outros modos de conhecer que ultrapassam as fronteiras das áreas disciplinares; um homem que apresentou conhecimento pertinente, como afirma Edgar Morin (2017), que esteve inserido em seu contexto, que foi capaz de dialogar com outras narrativas sobre o mundo em direção a uma ecologia das ideias.

Mesmo sem ter passado pelos bancos da universidade, Lauro Flores utilizou-se de uma estratégia de pensamento que lhe possibilitou apropriar-se dos conhecimentos científicos da época e fazer com que esse conhecimento científico universal dialogasse com os conhecimentos locais da flora de sua região, para diagnosticar, tratar e, eventualmente, curar as pessoas; a partir da concepção do intelectual da tradição realizada por Conceição de Almeida (2017), aquele que fez da tarefa de transformar informações em conhecimento uma prática cotidiana, semelhante à analogia do artesão do pensamento realizada pela autora, quando apresenta relações entre o trabalho do oleiro, de conceber forma ao barro, com o intelectual da tradição, de manipular informações brutas e transformá-las em conhecimento.

Refletimos sobre a necessidade de novos objetivos dentro do ambiente formal de ensino, que impulsionem os docentes a pensarem em uma educação para a vida; como realizou Lauro Flores, quando recorreu aos livros científicos modernos da época não para mantê-los isolados, como estocagem de informações, mas para o propósito de torná-los úteis no ambiente em que estava inserido, em um princípio dialógico, conhecimentos locais e universais que se complementavam; semelhante ao que afirma Edgar Morin (2000) sobre o princípio dialógico, que une de modo complementar termos antagônicos, distintas organizações de conhecimentos.

Dessa forma, percebemos que os saberes da tradição não devem ser entendidos nem reduzidos a um ensaio ou a um estágio anterior da explicação científica. Pelo contrário, conforme Conceição de Almeida (2017), os saberes científicos e saberes da tradição são constituídos por distintas estratégias de pensamento, que apontam para uma complementariedade. Assim, notamos a necessidade de novas estratégias de ensino que possibilitem a valorização do contexto histórico, numa solidariedade entre os saberes que ultrapassam as fronteiras escolares.

Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências da complexidade e educação: Razão apaixonada e politização do pensamento**. 2ª ed. Curitiba: Appris, 2017.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Dicionário de medicina popular**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Formulário e guia médico**. 19ª ed. Paris: casa do autor, 1924.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 2, p. 501-14, maio-ago. 2005.

MEDEIROS, Aline da Silva. Autoria científica do doutor Chernoviz entre a vulgarização da medicina e a formação profissional: o caso do Dicionário de medicina popular, 1842-1890. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 33- 49, jan.- mar, 2018.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, UNESCO, 2000.

MUNDURUKU, Daniel. **Sobre piolhos e outros afagos**. São Paulo: Editora Palavra de Índio, 2005.

NARRADORES de Javé. **Direção de Eliane Caffé**. Rio de Janeiro, produção: André Montenegro, Caio Gullane, Fabiano Gullane e Vania Catani, (110 min.) 2003.

Recebido em 17/ 10/ 2019 Aprovado em 07/ 12/ 2019 Publicado em 31/12/ 2019